

AS CONGADAS E AS COROAÇÕES DOS REIS CONGOS: FESTIVIDADES RELIGIOSAS DE MATRIZES CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS

Magno da Nóbrega Lisboa
Graduado em Letras e Pedagogia e estudante do Curso de Serviço Social – UEPB
Alcione Ferreira da Silva
Graduada em História e estudante do Curso de Serviço Social – UEPB

Pode-se afirmar que as festas são fenômenos culturais de grande relevância para a sociedade, uma vez que é no tempo e no espaço da festa, que as pessoas se manifestam com o que têm de melhor, de mais belo, de mais alegre e agradável, constituindo-se, numa tradição popular, que corresponde a uma manifestação típica do povo e parte essencial da memória e identidade da cultura nacional. Faz-se necessário destacar que as festas sob forma dinâmica e interativa encontram-se em constantes processos de mudanças, uma vez que se transformam de acordo com as novas realidades existentes, com o propósito de manterem as tradições e conseguirem manter-se ativas. No que concerne a este respeito, Pinto *apud* Barbieri & Vilela destaca que

A Festa, em sendo reveladora de angústias, crenças, desejos, contradições, é também expressão de superação, de construção de um mundo que, nem que seja por uma noite ou por alguns dias, promete ser melhor, mais farto e feliz. E, ainda que, aparentemente, este mundo de músicas, personagens, danças, estandartes e lantejoulas dure pouco, ele funciona como um projeto de mudança, como uma esperança sempre renovada, como um juntar de forças coletivas (2007, p. 2).

Araújo destaca que a festa é “uma poderosa força de coesão grupal, reforçadora da solidariedade vicinal, cujas raízes estão no instinto biológico da ajuda, nos grupos familiares” (2004, p. 17). Mériot define que “a festa faz viver uma autêntica dramatização social no curso da qual as consciências individuais se interpenetram para se fundir” (1999, p. 8). A este respeito o referido autor afirma que

“A festa permanece a melhor parte da existência, o único dinamismo autêntico capaz de transformar consigo corpos e espíritos. Assim, não é de se surpreender que ela tenha sido assimilada ao divino e ao sagrado, e que se tenha tentado reservar a sua manipulação a categorias de ‘experts’ privilegiados e consagrados, limitando-se, o máximo possível, o seu acesso à maioria das pessoas. A festa não

se resume a festa [...]. A sua presença – ou ausência – são suficientes para colocar questões essenciais a nossas sociedades. Ela é indiscutivelmente um evento cultural e coletivo” (MÉRIOT, 1999, p. 7).

No que se refere mais especificamente para as festas afro-brasileiras, pode-se perceber que é um espaço privilegiado de resistência cultural e inversão de valores, pois foi nas festas que muitos negros escravizados expressaram elementos de sua cultura adaptando-se ao ambiente e às condições encontradas no Brasil, construindo a cultura afro-brasileira. Através disto, os negros escravizados resistiram às diversas formas de opressão, também, através das festas. A respeito da inversão de valores, Pinto *apud* Barbieri & Vilela afirma que a festa é

Um espaço onde foi possível, a partir de uma linguagem própria (muitas vezes, codificada e secreta), planejar fugas, reconfigurar dinâmicas sociais, conservar a memória dos reis e dos deuses africanos, escapando à repressão do Estado ou dos seus senhores, pois estes não reconheciam a importância especial dessas manifestações. Desta forma, imaginários de matriz africana puderam se mesclar às culturas européias e indígenas sem perder, no entanto, seu caráter de afirmação e identidade, como nos Frevos, Maracatus, Congadas, Folias de Reis, Festas Carnavalescas, Batuques (2007, p. 4).

Desse modo, pode-se destacar que as festas afro-brasileiras correspondem a um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a construção, entre as culturas diversificadas, além de desempenhar um importante e imprescindível papel social e educacional. Faz-se necessário evidenciar que encontram-se presentes nas festas afro-brasileiras, os valores das comunidades, devido sua história, sua memória e a reconstrução das relações de poder. Muitas são as festas afro-brasileiras existentes no Brasil, como por exemplo: as festas aos orixás, folias de reis, festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, festa do Senhor do Bonfim, festa de São Benedito, Congadas, Maracatus dentre incontáveis festas originárias das tradições afro-brasileiras.

Detendo-se a uma destas festas de cunho afro-brasileiro citadas, a congada é um destes festejos que fazem parte das festas populares que tiveram influências culturais dos negros da etnia banto. No que se refere especificamente a estas festividades, em seus estudos afro-brasileiros, Nei Lopes (2004), afirma que a congada é um folguedo de cunho tradicional afro-

brasileiro, difundido em várias regiões do Brasil e ligado aos festejos coloniais dos “reis do Congo”, sendo implementados em seu contexto, elementos de gênese européia.

A congada também pode ser denominada de congado, congos, bailes de congo entre outras denominações, as quais são variantes conforme cada região. O princípio básico da congada é “a evocação de lutas entre grupos hostis através da dramatização de embaixadas de guerra e paz” (Lopes, 2004, p. 202). Nesse sentido, é correto afirmar que em algumas localidades a congada é apresentada apenas com cantorias e danças, sob a sonorização de instrumentos de percussão.

Andrade *apud* Cascudo (1965) define a congada como um folguedo brasileiro, de caráter religioso, que se apresenta em forma de cortejo real, incluindo cantos e danças e, constantemente, enredos com representações teatrais. No que concerne à definição de Araújo (2004), a congada é uma festa formulada pelos negros e ministrada pela Igreja.

As irmandades católicas têm uma função primordial na produção destas manifestações. Nesse sentido, faz-se mister destacar que as congadas são festas interligadas as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e de Santa Efigênia. Foram através destas irmandades que possibilitaram, grosso modo, a reorganização e a busca da memória e da identidade dos negros de origem banto. Dessa forma, pode-se afirmar que as congadas, disseminadas pelo Brasil, nasceram no interior destas instituições religiosas.

Sobre este excerto, Mériot destaca que a festa,

Além dos santos, há a solidariedade social, garantia do contrato que nos liga uns aos outros. Ela é experimentada na ultrapassagem na individualidade e participa assim de uma transcendência que leva o homem à efervescência, à preparação de uma gênese criativa num tipo de histeria onde o ritmo cotidiano é negado para, em seguida, ser abolido em benefício de uma consciência coletiva unânime (1999, p. 7).

A este respeito Barbieri & Vilela (2007) afirmam que as congadas filiadas as irmandades da Igreja Católica, realizavam as festividades e o culto aos santos católicos e, no entanto, acrescentavam as danças e as crenças relativas às religiões africanas. Sendo assim, eram formadas por negros alforriados, escravos que compraram a liberdade e que se organizavam para comprar a liberdade de outros, principalmente no Estado de Minas Gerais, onde a exploração nas minas de ouro possibilitava que os escravos juntassem algum dinheiro.

Conforme Silva (2008), a congada organiza-se dentro das irmandades religiosas e em função de um mito fundador que envolve a aparição de uma santa no período da escravidão. “Tal santa rejeita os louvores e a capela construída pelos brancos, mas se encanta com as adorações dos escravos e por isso é considerada protetora do povo negro” (2008, p. 3). Segundo o citado autor:

O mito gerador da congada diz que durante a escravidão Nossa Senhora apareceu, de acordo com algumas versões, na água, na gruta, ou na árvore. Desse modo, senhores e escravos organizados em grupos separados cantaram e dançaram para resgatá-la, mas apenas os negros mais velhos e experientes conseguiram retirá-la (SILVA, 2008, p. 4).

É importante salientar que as festas de congada datam do Brasil Colônia e dramatizam relações de conflitos construídas na diáspora africana no Novo Mundo. A congada vem sendo registrada no Brasil desde o período colonial e aparece de forma integrada ao calendário católico. Alvarenga (1960), destaca que a primeira notícia documentada de uma congada realizada no Brasil é no ano de 1760, encontrada na relação dos festejos do casamento de D. Maria I, rainha de Portugal.

No entanto, Tinhorão (2000) por meio de pesquisas identifica que em 1711 ocorre a primeira coroação de rei Congo numa irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Pernambuco. O autor retrocede ainda mais, para o final do século XVII e encontra notícias das primeiras manifestações de coroação de reis, mas estas realizadas com alusões a reis de Angola e não de Congo. Tinhorão ressalta, inclusive, que a coroação dos reis de Congo organizada por escravos e forros já era uma prática disseminada no século XVI, em Lisboa. A este respeito Andrade *apud* Cascudo coloca que

A eleição de reis negros meramente titulares, a coroação deles, e as festas que provinham disso, *Congos*, *Congadas*, sempre até hoje se ligaram intimamente à festa, e mesmo à confraria do Rosário. Inda mais: as procissões católicas eram cortejos que lembravam ao negro os seus cortejos reais da África. Nada mais natural do que a identificação; e que eles tratassem logo de dar uma finalidade mais objetiva às procissões católicas, e que além das ladainhas a deuses invisíveis e dos andores com orixás de pau e massa pintada, cuidassem como as rãs da fabula, de ter um rei vivo. E com efeito, até hoje se não faz parte da liturgia católica, faz parte imprescindível da liturgia dos reis de *Congo*, do *Moçambique*,

de *Congada*, acompanham as procissões católicas, seguidos de seus súditos (1965, p. 315).

Conforme Mary Del Priore (2000), foi na Bahia no ano de 1760, no município de Santo Amaro que vem o registro mais concreto das festividades de reis Congo, ao qual vem dando ênfase a importância e a função social que estas comemorações tinham e têm até os dias atuais para a comunidade negra. De acordo com a autora, o potencial político das congadas e as coroações dos reis Congos frente às comunidades reafirmavam a sagração de um rei negro. “Mas é justamente essa capacidade de expor outras realidades que devolve a festiva dignidade aos negros e à sua cultura” (Del Priore, 2000, p. 83).

Já a coroação dos reis negros, na perspectiva de Mello e Souza (2001), existiu sob a forma de eleição de reis ou governantes, festivamente comemorada com danças e ritmos, em diversos setores da América. Estas festividades apresentavam-se como espaço de reatualização das tradições e recriação de laços comunitários destruídos pelo tráfico e pela escravidão. No entanto, foi na América portuguesa que tais práticas se difundiram em intensidade, ocorrendo até os dias atuais em muitas regiões brasileiras.

Dentre os inúmeros fatores que podem ser expostos, faz-se relevante destacar a presença das cortes reais nas congadas, que em geral possuem nomes que correspondem a reinos da África, como Congo ou Moçambique, possuindo uma estrutura de característica familiar com rei, rainha, príncipes e princesas. Sua realização é feita anualmente, geralmente no dia de seus santos protetores, como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e a indumentária também está presente em todas as manifestações.

É correto afirmar que na congada tem-se a formação de uma corte real, na qual misturam elementos das culturas africanas e da tradição européia, apresentam-se como uma das personagens da congada as figuras do rei e da rainha, nas quais são seguidos por príncipes e princesas, como também membros da realeza, todos cobertos de mantos e trajes de gala, são acompanhados por músicos que tocam caxambus, pandeiros, marimbas e ganzás. Seguem também os dançarinos, como também desfilam a porta bandeira e a porta-estandarte, levando a imagem do(a) santo(a) padroeiro(a) estampada nos emblemas.

Com muitas fitas penduradas nas roupas e nos instrumentos, em geral nas cores azul e branco como as cores de Nossa Senhora do Rosário, dançam e se movimentam com muita beleza,

uma vez que nas congadas e nas festas de coroação dos reis Congos existem riquezas de detalhes nas vestimentas, nos adornos, nas cores entre outros fatores, com toda etiqueta de visitas e anúncios da chegada do rei negro, movidos de intensas alegrias. Nas congadas os reis e rainhas representam os santos homenageados, merecendo, nesse sentido, um respeito maior.

Sobre este excerto acima citado, Lopes (2007, p. 202) destaca que

Na dramatização, personificam-se histórias como a da Rainha Jinga, porém em algumas cidades mineiras, por exemplo, ao contrário do que ocorre no Nordeste, ela não aparece como inimiga do rei de Congo, mas como sua mulher. Além dessas personagens há figuras da realeza, personificadas, por exemplo, por duas crianças brancas representando dom Pedro I e a princesa Isabel, como símbolos da liberdade. De modo geral, o folguedo se desenvolve em dois momentos: o da marcha até o local da apresentação, quando os cânticos são entoados por todos os participantes, ao som de instrumentos como a marimba, a patangona, com tambores etc., e a parte dramática ritualística, conhecida como embaixada, em que dois grupos se opõem: os Congos e a família real.

No que concerne aos toques próprios dos rituais da congada, são realizados em veneração aos santos do catolicismo anteriormente citados, como também para Nossa Senhora Aparecida e ao Divino Espírito Santo. Nas congadas, os tambores marcam o ritmo das cantigas e das danças. Além disso, servem como forma de comunicação entre o mundo dos devotos e de seus antepassados, são festas que se apresentam em cortejo, em um movimento de passagem.

Silva (2008), entende a congada como um ritual híbrido, que agrega de um lado a coroação de reis negros e de outro o culto aos santos católicos, geralmente Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Conforme a mesma:

É importante ressaltar que não é o louvor ao santo católico por si ou a coroação do rei negro, mas o acontecimento simultâneo dos dois que constroem as particularidades da festa e a diferencia das demais práticas do catolicismo popular. O culto aos santos católicos era uma forma de os negros utilizarem o espaço público e legítimo da Igreja para a organização das irmandades leigas (SILVA, 2008, p. 2).

Vale ressaltar que um dos fatores de suma importância nos festejos das congadas, é que os devotos dos santos católicos venerados nos congos, aproveitam-se para cumprirem suas

promessas participando das danças dos congos. Já outro aspecto relevante, é que os participantes sentem-se orgulhosos de fazer parte das congadas, considerando também uma herança cultural e tradicional de seus antepassados.

As congadas apresentam um imenso grau de importância para as comunidades que mantêm estas manifestações folclóricas. Elas fazem parte do patrimônio cultural brasileiro, como também mineiro, uma vez que as congadas são mais praticadas nas festas religiosas do Estado de Minas Gerais. Sob forma geral, consiste em um sistema ritual e simbólico bastante complexo, uma vez que envolve ritos variados, danças, cânticos, toques de tambores, coroação de reis e outros ritos, que representam símbolos carregados de significados e valores para os membros participantes.

É correto destacar que as congadas apresentam grande importância devido a autonomia e o respeito, valorizando, assim, nossas manifestações culturais. São atualmente consideradas como bens culturais, permanecem vivas e dinâmicas nos grupos que participam dos festejos. Possuem características regionais próprias, obtidas através de diversidades sociais das regiões brasileiras. As heranças imateriais das congadas são vivenciadas todos os dias pelos grupos de congadeiros que, em diferentes regiões do Brasil, conjugam festa e devoção, atualizando todos os anos os significados originais atribuídos a cada congada no território brasileiro.

Faz-se importante destacar a respeito das congadas e demais festas de tradições afro-brasileiras que a nossa cultura é a representação da identidade de um povo, de uma nação, de uma história. A cultura é um dos aspectos que mais evidenciam os negros, que preservam suas culturas advindas da África.

No que se refere ao conceito de cultura em relação aos estudos afro-brasileiros, de acordo com as definições de Laraia (2009), a cultura afro-brasileira deve ser desmistificada das concepções impostas, pois quando se fala em culturas afro-brasileiras a sociedade denomina como culturas negativas, marginais. Suas teorias abordam que os estudiosos devem conceber as concepções adquirindo conhecimentos acerca das culturas afro-brasileiras com a finalidade de não adotarem uma concepção discriminatória, combatendo as diversas formas de preconceitos no tocante a realidade da cultura negra.

Estes fatores favorecem, assim, a valorização do povo negro, bem como suas histórias e culturas. A este respeito é imprescindível que a cultura brasileira favoreça a abordagem de uma sociedade igualitária, uma vez que todos têm o direito de ter reconhecimentos de suas histórias,

culturas e identidades. Com base nesse sentido, Munanga (2005) aborda que nossa sociedade é composta de pluralidade étnica e cultural desde o princípio do colonialismo. Sendo assim, devemos construir sob o ponto de vista democrático, favorecendo o respeito às diversidades culturais do povo negro em nosso país.

Dessa forma, devemos apresentar esta importância que o negro teve e tem na formação de nossa história, suas riquezas, culturas, costumes, linguagens, comidas, festas entre outros fatores, nas quais usamos até os dias atuais. Assim, isto faz com que a sociedade possa, cada vez mais, ter reconhecimento das influências africanas em nosso país, abolindo, nesse sentido, as diversas práticas de racismo com a finalidade de trazer a figura do negro como um ser igual aos outros. Vale ressaltar que o reconhecimento de culturas é de suma importância para a obtenção de uma sociedade justa e igualitária, sem preconceitos e discriminações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1960.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional I: festas, bailados, mitos e lendas**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARBIERI, Estela e VILELA, Fernando. **Congadas**. Coleção Itan-Adayan. São Paulo: Ed. Girafinha, 2007.

CASCUDO, Luis da Câmara. Os Congos (Mário de Andrade). *In*. **Antologia do Folclore Brasileiro**. Segundo volume. 3ª ed. Martins Editora. 1965.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MELLO e SOUZA, M. Reis **Negros no Brasil Escravista**: história da festa de coroação do rei Congo. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MÉRIOT, Christian. Revista do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN. *In. Festas, máscaras e sociedades*. V.13. EDUFRN jan./jun. 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Renata Nogueira. **A festa da congada**: a tradição ressignificada. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, Bahia. 2008.